

Nota do Organizador: O documento reproduzido é o relatório de atividades do CPC/Goiás relativo ao período 1962-1963, escrito como auto e apresentado na forma de jogral. O texto foi encontrado sem a primeira e as últimas páginas. Na reprodução, manteve-se a formatação original.

CPC/ Goiás

Relatório de atividades do período 1962-1963

TODOS: Sim honestíssimos.

APRESENTADOR: Sois abnegados?

TODOS: Sim, abnegadíssimos.

APRESENTADOR: Sois patriotas?

TODOS: Nós somos da pátria a guarda
 Fiéis soldados, por ela amados
 No lema de nossa vida
 Primeiro vem a pátria querida!

Seu voto eu peço com ardor
 Seu voto dai-me por favor!
 Porém se o voto grita
 Por reforma se agita
 Nós corremos de pavor!
 (bum...bum...bum...)

APRESENTADOR: É este o drama senhoras e senhores! Todos são democratas, todos são nacionalistas, todos são reformistas, Cristianíssimos, honestíssimos, abnegadíssimos, patriotíssimos! Serão idiotíssimos? O meu voto é um só, apenas um! Como aplicá-lo? Como distinguir entre tantos, aquele que melhor trabalha para melhor resolver os problemas do Brasil e de Goiás? Qual o candidato que merece o meu voto? O meu voto deve ser consciente e esclarecido para que o resulte em coisa nenhuma? E a hora é dramática! A situação é realmente séria e eu sou um líder. Um privilegiado. O estudante superior no Brasil é apenas um entre 100. Um, vejam bem! Para 99 que jamais chegam à universidade. Eu tenho consciência disso e, por vezes deixo os livros, e troco as salas de aula pelas ruas, pelos comícios. Pelo teatro também... Eu tomo posições, às vezes, apaixonadamente, mas, agora, o momento é de reflexão. É de pensamento. É de amadurecimento. Em quem votar?

(entra o candidato 1, homem de meia idade, algo enfatuado, é candidato vitalício.)

DEPUTADO 1: Como vai meu jovem amigo? (tapinhas nas costas)

APRESENTADOR: O senhor é novamente candidato?

DEPUTADO 1: O que quer você meu jovem amigo? Uma vez candidato, sempre candidato...

APRESENTADOR: Você estava naquele grupo de candidatos? Não o reconheci.

DEPUTADO 1: Claro, claro... São os ossos do ofício. Tenho meu eleitorado garantido, mas propaganda ajuda, não há dúvida. Antigamente era mais fácil.

APRESENTADOR: Mais fácil como?

DEPUTADO 1: Oh! Não se escandalize, meu jovem amigo, não se escandalize. Mas no tempo da eleição de bico de pena, o eleitorado não era tão móvel, nem tão ingrato.

APRESENTADOR: Certamente! (irônico) As eleições eram favas contadas.

DEPUTADO 1: Mas é lógico! Eleitor que traía o governo, estava frito. Pegava cadeia.

APRESENTADOR: E era melhor assim?

DEPUTADO 1: Muito melhor! Havia continuidade administrativa, sabe? Não esta bagunça que ninguém entende...

APRESENTADOR: E a democracia deputado? A democracia à qual o senhor serve? E o governo do povo pelo povo?

DEPUTADO 1: (tapinhas nas costas) Ora, ora, meu jovem amigo, não se exalte. Não se exalte! Isto é a febre da juventude. Passa como os primeiros versos; como as brisas de verão...

APRESENTADOR: E o senhor é democrata?

DEPUTADO 1: Não se exalte, não se exalte, meu jovem amigo! Lembre-se que é melhor o senhor votar em mim, do que nos comunistas! Eu sou uma garantia para a propriedade privada e a livre empresa. Tome, tome: Aqui está minha plataforma. E não se esqueça: eu sou da aliança democrática!

APRESENTADOR: Aliança democrática? Pois sim! Quem sustenta esses imbecis na política nacional, sabe quem são? São os trustes americanos! Sem o dinheiro dele estariam fritos!

NACIONALISTA: Muito bem! Muito bem! É por isso que sou amigo dos jovens! (abraça-o). Vocês não têm medo de dizer a verdade! Nós precisamos formar uma frente unida contra o colonialismo! Precisamos de uma política desenvolvimentista; precisamos afastar a concorrência estrangeira. O PETRÓLEO É NOSSO! A ENERGIA ELÉTRICA É NOSSA! O MOGNO É NOSSO!

APRESENTADOR: De acordo! Estas são também minhas idéias. Quem é o senhor?

NACIONALISTA: Eu sou o Rock Nacionalista. Não me conhece?

APRESENTADOR: É um prazer. Realmente um prazer!

NACIONALISTA: Minha pregação é de repúdio à servidão, à escravidão. Sou pela xenofobia! Encampemos as empresas estrangeiras; deixemos de importar gringos; cortemos a influência do capital alienígena com nossa vida econômica e política! Tenhamos fábricas nacionais; cinema nacional!

APRESENTADOR: Gostaria de conversar consigo mais demoradamente.

NACIONALISTA: Apareça lá em casa. Olhe: vá amanhã. Tomamos um whiskey e conversamos.

APRESENTADOR: Um whiskey? Por que não um cafezinho?

NACIONALISTA: (meio desconsertado). Pode ser um cafezinho também. (vai saindo).

APRESENTADOR: (olha-o demoradamente). Muito elegante a sua roupa, sabe? Tropical inglês, não?

NACIONALISTA: Ora! Ora! Um tropicalzinho de contrabando...

Não vá pensar que sou rico!!!

APRESENTADOR: E este lenço não é suíço?

NACIONALISTA: Foi minha mulher quem me deu. Ela não tem bom gosto...

APRESENTADOR: Gosto também de seu perfume. Francês, heim?

NACIONALISTA: Reve de amour. É bem bonzinho.

APRESENTADOR: Com licença: que marca é sua caneta?

NACIONALISTA: Parker 61. Por quê?

APRESENTADOR: O senhor tem cigarros?

NACIONALISTA: Claro. Tome, fique com ele. Legítimo Pall-mall. E não se esqueça do nosso bate-papo. Mando o meu Impala buscá-lo. (Ao público). Este está na rede.

APRESENTADOR: E viva o NACIONALISMO! Roupa inglesa, lenço suíço, perfume francês, caneta americana e cigarros americanos, carro americano. É de arrasar! E com

contrabando ainda por cima! Precisamos dar um jeito nisso! Nosso mal é das pessoas como das instituições. E´ preciso reformar o quanto antes!

REFORMISTA: Reformar para melhorar. Reformar para que nossa estrutura social e econômica realmente correspondam às nossas necessidades do momento. Reforma agrária, reforma tributária, reforma judiciária, reforma alfandegária, reforma educacional. Sou pelas reformas de base!

APRESENTADOR: O que são reformas de base?

REFORMISTA: Ora! Reformas são reformas! Quero dizer: mudam-se as bases, mudam-se os alicerces, e o edifício ganha solidez. Entendeu?

APRESENTADOR: Não muito bem. (displicente).

REFORMISTA: É fácil, O Brasil é como um edifício, um amontoado de andares sobre alicerces insuficientes. Precisamos reforçá-los, aumentá-los, reformá-los. Mais cal e pedra nos alicerces; mais sólidos!

APRESENTADOR: E se mexermos nos alicerces o edifício não desaba? (irônico, sorrindo).

REFORMISTA: É preciso cautela. Sempre cautela, muita cautela. Sou pelas reformas de base, é claro. Mas que sejam lentas, progressivas, paulatinas...

APRESENTADOR: Qual seria a primeira? (sério).

REFORMISTA: A reforma agrária! Dar terra ao camponês oprimido! Dar teto aos pobres e humildes. Subvencionar o pequeno produtor! Dar-lhe assistência, escolas, médicos, remédios, máquinas agrícolas, transporte, preços mínimos sua produção. Tudo isto, meu jovem, com muita cautela, sem mexer na constituição. A constituição é intocável!

APRESENTADOR: Quem vai subvencionar tudo isto?

REFORMISTA: O governo é lógico! Tem que ser o governo!

APRESENTADOR: E há recursos para tanto?

REFORMISTA: Arranjem-se!

APRESENTADOR: E como se arranjam?

REFORMISTA: Com a reforma tributária. Todos pagam os impostos que devem!

APRESENTADOR: E como forçar a todos que paguem?

REFORMISTA: É fácil façamos a reforma judiciária!

APRESENTADOR: E isso resolve?

REFORMISTA: Quem não paga imposto vai para a cadeia!

APRESENTADOR: E cadeia conserta alguém?

REFORMISTA: Empreenderemos a reforma penitenciária!

APRESENTADOR: Ah!

REFORMISTA: E depois a reforma alfandegária. Você nos milhões de cruzeiros que o contrabando consegue desviar? O contrabando é um câncer nacional... É uma praga como as epidemias, o analfabetismo...

APRESENTADOR: Mas é lógico? Reformaremos o Ministério da Saúde, reformaremos o Ministério da Educação...

APRESENTADOR: E depois?

REFORMISTA: Partindo da reforma agrária...

APRESENTADOR: (com as mãos na cabeça; para o público). Céus! Vai começar tudo de novo! E sem tocar na constituição!

REFORMISTA: Ouça, jovem...

APRESENTADOR: E sem tocar na constituição!

(a reformista sai furiosa).

APRESENTADOR: (ao Cristiano). E o senhor aí?

CRISTIANO: Espaçosa é a estrada e, largo é o caminho que conduz à perdição. Vimos e ouvimos o seu drama, jovem: compreendemo-lo! À mocidade é próprio debater-se, ou agitar-se. Nós também já fomos jovens! (suspira). E trazemos felizmente, a luz de uma esperança e a mensagem de um caminho!

APRESENTADOR: E quem é o senhor?

CRISTIANO: Cristiano Farisaico, às suas ordens!

APRESENTADOR: Desculpe, mas o senhor também é candidato?

CRISTIANO: Nós o somos pela graça de os amigos e correligionários. E podemos dar-lhe as melhores informações (abre uma pasta) Ei-las: o Senhor Presidente da Associação das famílias cristãs, foi extremamente bondoso conosco. Eis o que diz: baluarte da moralidade (estende o papel).

APRESENTADOR: Baluarte da moralidade...

CRISTIANO: Aqui, este é do secretário dos amigos da virtude. Este é Presidente dos casais bem casados. Este é da diretoria das senhoras reformadoras da sociedade. Este é da tesouraria das Castas Virgens Perpétuas. Todos são gentis...

CRISTIANO: Não merecemos tanta boa vontade! Não nos sentimos à altura de tanta confiança em nós depositado...

APRESENTADOR: Modéstia... Modéstia... Modéstia, Senhor Cristiano.

CRISTIANO: Conhecemos as limitações de nossas forças. Porém esperamos contar com o apoio de um eleitorado esclarecido.

APRESENTADOR: Qual é a sua plataforma?

CRISTIANO: Somos contra o divórcio.

APRESENTADOR: Apoiado.

CRISTIANO: Somos contra as revistas indecentes.

APRESENTADOR: Apoiado.

CRISTIANO: Somos contra os filmes silenciosos.

APRESENTADOR: Apoiado.

CRISTIANO: Somos contra strip-tease.

APRESENTADOR: Já sei... Já sei o que o senhor é contra. Agora quero saber aquilo que o senhor crê.

CRISTIANO: (em tom de prece). Creio em Deus criador das coisas visíveis e invisíveis...

APRESENTADOR: Eu também creio. Mas não quero que me recite o catolicismo.

Politicamente quais são seus postulados?

CRISTIANO: Pretendemos em primeiro lugar acabar com a prostituição. Desejamos acabá-la, precisamos extingui-la!

APRESENTADOR: Extinguir a prostituição? Puxa... Escute meu velho, você sabe qual é a mais antiga profissão do mundo?

CRISTIANO: A das hetairas. Certamente a das hetairas.

APRESENTADOR: E o senhor vai acabar com... as... hetairas? (mudando de tom). E o que mais que o senhor vai fazer?

CRISTIANO: Precisamos proibir a mulher trabalhar fora do lar. Lugar de mulher é em casa.

APRESENTADOR: Voltamos ao século XIX, hein?

CRISTIANO: Não é bem isso. Vamos explicar. Seremos os guardiões dos lares.

APRESENTADOR: E os outros problemas senhor candidato? Senhor Vai ser deputado ou censor? Quero planos , esquemas de trabalho, coisas sólidas, práticas. De planos vagos e vagas promessas anda cheio o Brasil. O que pretende o senhor fazer realmente?

CRISTIANO: Pretendemos construir o Templo do Sagrado Louvor. Obteremos verbas para isso.

APRESENTADOR: Concluir o Templo. E depois?

CRISTIANO: Depois? Mas é claro, jovem! Depois teremos o mais belo Templo do Brasil central. E nos orgulharemos, e nos rejubilaremos, e entoaremos cânticos e louvores e hozanas triunfais!

APRESENTADOR: Templos!... Nós já os temos bastante. Os templos e as igrejas devem ser como o povo que reza dentro deles. Nada há de mais injusto, de mais paradoxal e mais triste do que prece de um faminto num lugar adornado de ouro...

CRISTIANO: É uma pena... É uma pena... Confrange-nos o coração ao vermos o quanto o materialismo lançou raízes no âmago desses jovens!

APRESENTADOR: Engana-se, engana-se senhor candidato, ouviu? Nossa gente acredita em Deus; mas não acredita em fariseus, sabe? E se acredita já é hora de deixar de acreditar em fariseus, que pretende comprar votos com alardes de uma fé hipócrita! Saiba que a moralidade também nasce de paz social, da segurança de um mínimo de bem estar individual. Ninguém é santo, ninguém é puro quando se estiola nos rancores, na inveja e na fome!

CRISTIANO: (saindo apavorado e escandalizado). É lamentável! É profundamente lamentável!

APRESENTADOR: Uff! Este me livrei eu... (imitando Cristiano) e nos livremos nós.

APRESENTADOR: (dirigindo-se à platéia). Sim. E nos livremos de todo o povo brasileiro. Não só do Cristiano que se arvora contra tudo e se esquece de ser a favor do povo, mas também daqueles que para pegar os votos do povo se tornam defensores das reformas de base, contando que a constituição permaneça intocável! E do Nacionalista que precisa ser deputado para continuar gozando de todos os avanços técnicos que vem do exterior; e nos livremos nós do deputado Vitalício, militante da indústria do anti-comunismo, com a propaganda garantida com o dinheiro da IBAD. Eu disse antes que o momento é de reflexão. Mas é de luta também. É por isto que eu, um estudante estou aqui: para alertar vocês. Para nos unamos em busca de um objetivo comum: a transformação total do processo eleitoral para que os nossos governantes representem realmente as aspirações populares. Alguém poderia indagar: partir para o debate político não seria esquecer os problemas específicos dos estudantes? Não. Será compreender que os problemas do estudante brasileiro não se separam do povo brasileiro.

NARRADOR DO AUTO: Ainda setembro de 62: paralelamente ao problema eleitoral um outro problema atrai a atenção de Goiás e do país: os posseiros de Porangatú estão sendo expulsos das terras; latifundiários e políticos se unem contra camponeses, mulheres e crianças. Nei Rocha cunha, num protesto contra esta situação escreve o poema que o coral do CPC interpretou:

MISÉRIA HISTÓRICA

NARRADOR DO AUTO: Dezembro de 62: o CPC celebra a festa de Natal. “ Não como festejo privado, apenas da família. Nem tão pouco de uma classe que se confina nos clubes. Mas como festividade da comunidade inteira. Natal dos que crêem e dos que não crêem, mas que se unem numa só esperança: a da fraternidade entre os homens. A de paz na terra. A de justiça, implacável, e definitiva. A de liberdade para todos. A do respeito à verdade, à dignidade dos pobres. Esperança que resume a mensagem do Menino que há 2 mil anos nasceu numa estribaria, filhos de operários.”

Neste sentido, o setor de Teatro une-se ao Setor de Alfabetização do CPC, e comemora o Natal em Vila Operária onde os próprios alunos do Curso de Alfabetização encenam a peça de Maria Clara Machado, O BOI E O BURRO A CAMINHO DE BELÉM.

(Inicia-se a peça com o coro cantando de boca fechada a Berceuse. O pano abre-se lentamente e de cada lado surgem o Boi e Burro. Eles seguem o ritmo da música, examinando o ambiente. Usam as máscaras. Colocam-se de cada lado do palco).

BOI: Muuuuuu!!! (mugindo).

BURRO: Hiiiiiiii!!! (relinchando).

(Tiram as máscaras, colocando-as num banco escondido atrás da cortina).

BOI: Burro, ei Burro. Você está notando qualquer coisa hoje?

BURRO: Não estou notando nada, não, Boi!

BOI: Você é mesmo muito burro, hein amigo? Então não está vendo que tudo está meio mudado, meio....

BURRO: (cheirando o ar). É verdade, amigo Boi. Tudo cheira diferente por estas bandas (cheirando com barulho).

BOI: (olhando o céu). E nunca o céu esteve tão estrelado, tão perto... (continua olhando o céu, e o Burro faz o mesmo).

BURRO: Não é que é verdade, amigo Boi, não é que é verdade? Sou mesmo muito burro... não tinha notado antes.

BOI: E esse lugar que era quieto, silencioso... agora...

(Ouve-se a flauta do Pastor. O Boi e o Burro olham espantados para o Pastor que toca a flauta de bambu, olhando para o céu).

PASTOR: (Já no palco parando de tocar olhando para o céu). Oh!

BURRO: (Seguindo o olhar do Pastor). Oh!

BOI: (idem).

PASTOR: A estrela parou.

BURRO: Parou.

BOI: Bem em cima.

OS DOIS: Bem em cima do nosso estábulo.

PASTOR: (Sempre fitando a estrela).

Tudo ficou quieto de repente

Grande como um girassol.

Única no céu distante!

Com o brilho de mil estrelas. (pausa)

Nunca se viu outra igual

Apagou os outros astros

e da noite fez dia.

Vede, Burro, vede Boi:

A luz da estrela limpou

A geada lá no vale,

e fecunda as velhas ramas.

Dão fruto às árvores secas

E tudo exala perfume.

Ovelhas ontem perdidas

Ao aprisco estão voltando

Aves com as fontes cantando
 Oh, coisas inexplicáveis!
 O que estará acontecendo
 Que em plena noite amanhece!?

BOI: (Sempre olhando a estrela). A estrela parou.

BURRO: Parou.

BOI: Bem em cima...

OS DOIS: Bem em cima do nosso estábulo.

BOI: (Aflito). Pastor, explica! Explica por que a estrela parou bem em cima do nosso estábulo!?

PASTOR: Mistério! Mistério, amigo Boi. Mistério que um pobre pastor não desvende.

BOI: Nem eu...

BURRO: (Triste). Nem eu...

(O Pastor recomeça a tocar a flauta e sai dando uma volta por trás do estábulo, desaparecendo pela esquerda, ao fundo).

BOI: (Muito aflito, e ainda olhando para o céu). Burro!

BURRO: Que é boi?

BOI: (Aproximando-se bem do Burro, e falando quase em segredo). Estou muito desconfiado.

BURRO: De que Boi?

BOI: (Cheio de mistério). De que ele vai nascer aqui.

BURRO: (Escandalizado). Nem digo isto, Boi. Numa estrebaria tão suja. Tão pobre.

BOI: Então por que tudo isto? Por que a estrela parou bem em cima?...

BURRO: (Rápido). A estrela deve ter se enganado.

BOI: (Correndo o estábulo). E este cheiro tão doce por toda a parte...

BURRO: (Chegando para a cesta de capim encostada ao estábulo). Até o capim nosso de cada dia, cheira bem hoje... Mas e aqueles reizinhas que passaram levando presentes?

BOI: Para quem?

BURRO: Para quem, então?

BOI: Ora para algum rei mais poderoso que eles, só pode ser...

BOI: (Rápido interrompendo). Nem pense nisto, Burro... (riso nervoso). Neste estábulo, está ficando louco...

(Corre ao procênio e diz à platéia, assustado). Onde já se viu isto? Pensar que ele ia nascer aqui...

(Dá um salto, indo para o meio da cena, e indo nervosamente).

BURRO: (Assustado com a explosão do Boi, e segurando-o). Fica quieto, Boi. (falando para a platéia). Foi ele mesmo quem disse primeiro que ia nascer aqui...

BOI: (Correndo de novo e perguntando ao público). Eu disse isso? (pausa; olhando o céu).

BURRO: Olha só a estrela!

BURRO: Que linda!

BOI: Que brilho! Está machucando meu olho de boi.

BURRO: E que rabo tão comprido! Atravessando todo o céu chegou...(ambos acompanham o caminho da estrela).

BOI: ... aqui!

BURRO: (Correndo pela cena). Pastor, Pastor... depressa.

BOI: (idem). Pastor, Pastor... Venha ver... Venha ver... depressa.

BURRO: (idem). Onde estão os pastores, Pastorinhas?

BOI: E os reizinhos? Onde estão? É aqui mesmo. É aqui mesmo que vai acontecer? É aqui que ele vai nascer?

BURRO: (Dirigindo-se para o lado do procênio, sempre falando para fora). Aqui mesmo, no estábulo... Aqui mesmo...

BOI: (idem). Aqui mesmo em Belém...

BURRO: Em Belém! Em Belém...

(Os dois esperam um pouco para ver se alguém os escuta, depois viram-se um para o outro, desanimados).

BOI: Não vem ninguém...

BURRO: Ninguém vem...

BOI: Só nós dois...

(Encontram-se no meio da cena, entreolham-se).

BURRO: Só nós dois...

BOI: (Humilde). Um boi...

BURRO: (idem). Um burro...

OS DOIS: (com ênfase). Para tamanho acontecimento!

(Pela rampa José e Maria, este levando Jesus debaixo do manto invisível – Música baixa, enquanto o Burro e o Boi falam).

BOI: Oh!

BURRO: Oh!

BOI: (Ternamente, mas solene). Lá vem Maria lentamente carregando o mistério.

BURRO: Parece leve como a brisa.

BOI: Parece uma gota no capim da manhã.

BURRO: Lá vem José.

(Boi e Burro ficam cada um de um lado da cena, Nossa Senhora e São José entram, Boi e Burro cobrem, fecham Nossa Senhora e São José. Boi e Burro chegam para a boca do palco, o menino nasceu).

** **

BOI: Que maravilha!

BURRO: A mãe dele está sorrindo!

BOI: Para quem? Para nós dois?

BURRO: É! Para nós dois! Só pode ser!(pula de alegria e olha as mãos). Meu casco hoje parece feito de paina!

BOI: (Lambendo os beiços). Minha baba tem gosto de flores.

BURRO: (Puxando o Boi para o canto, e sem segredo). Então quem sabe Boi, eu e você fazemos alguma coisinha para distrair o menino? (continuam a combinar um ao ouvido do outro e depois começam a pular freneticamente, mugindo e relinchando sem parar. Param para ver o efeito cansado. Maria sorri de novo. Eles continuam pulando).

BOI: (Aproximando-se com cuidado). Parece que gostaram. Ela continua sorrindo...(o Boi e o Burro dançam enquanto o coro canta).

CORO: Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega este menino

Que tem medo de careta.

(Afastam-se e apanham as máscaras, afastam as máscaras quando falam).

BOI: Nunca imaginei ser mais que um boi...(recoloca a máscara).

BURRO: (Tira a máscara). E eu então? Tão burro... Tão burro... Tão burro... Nunca imaginei (pausa). Nós dois um boi, e um burro, ligados para sempre ao Mistério! (repõem a máscara).

BOI: (Tirando a máscara). O que você está dizendo, Burro?

BURRO: (Idem). Não disse nada, Boi. Apenas estou feliz.(Boi e Burro, de máscaras, e dando as costas ao estábulo, afastam-se lentamente até se colocarem nas posições clássicas do presépio, cada qual de um lado, atrás do Menino Jesus. Ao som de noite feliz alguns pastores sobem a rampa, e se ajoelham para adorar o Menino).

NARRADOR DO AUTO: Entramos em 1963. Fevereiro. A União Estadual dos Estudantes, no intuito de tornar cada vez mais concreta a Aliança Operária - Estudantil – Camponesa, realiza o 1 Tríduo do Trabalhador, em Vila Nova, o CPC responde presente com números variados, dentre os quais a CANÇÃO DO SUBDESENVOLVIDO.

NARRADOR DO AUTO: Abril de 1963: Seminário Estadual de Reformas Universitárias, por iniciativa da UNE. Seminário de estudos sobre os problemas da Universidade brasileira. Estudantes goianos reunidos para traçar diretrizes da luta pela Reforma Universitária. O CPC julga o momento oportuno para a apresentação do

AUTO DOS 99%

ESTUDANTE: Pra quem nunca soube
 pra quem nunca ouviu
 deixa que eu conto como é que surgiu
 a Universidade no Brasil.
 A Universidade é um fruto da imaginação,
 dos grandes vultos do nosso passado,
 nasceu da visão, da previsão, da ambição,
 de todos que vivem dos que são enganados.
 E como ninguém se insurgiu
 contra o que ninguém nunca viu
 a empulhação foi crescendo
 a mistificação foi vencendo
 e, de casa em casa, batendo,
 a balela tanto engrossou
 o país tanto se encantou
 com o que todo mundo sonhou
 que à nação dormiu, dormiu, dormiu...

E até hoje ninguém descobriu
que nunca houve Universidade no Brasil

BEDEL: Vai começar a aula. Vai começar a aula. Dentro de cinco minutos. O professor está sendo retirado do sarcófago. Vai começar. Cinco minutos. (Vai saindo) Olha a aula. Olha. Não precisa aprender, basta comparecer. Olha a aula...

(entra o professor)

PROFESSOR: E hoje... greils são de molde a... fringos da massa... que é se não fossem... atendem para isso... seria... grampia solovalatim... Há contestação? Aonde? No quarto? No bourdoir? Grampia ou não, recorrequínios. Sem cê cedilha... urr... urr... Bá! Bá! Bá... Bateria... bateria... ou apanharia? Enfim... era... já foi... já foi. E a evolução para lá! E por hoje chega de aula! (Sai)

ALUNOS: Né? Né? Né? Cabô? Vum bora então... Vum bora... (saem, só ficam dois).

PRESIDENTE: Como é que é? Foi legal a aula?

ESTUDANTE: Ah! Não enche, vai.

PRESIDENTE: Foi boa a aula, né?

ESTUDANTE: Vai começar, é? Por que você não vai conversar com Belotão? Ele também é aluno.

PRESIDENTE: Belotão só consegue por enquanto se preocupar com futebol e mulher... você já tem a mania de pensar um pouquinho... e quem começa a pensar tem que ir até o fim.

ESTUDANTE: Eu penso. Estudo, vou me formar, vou ser doutor, gosto de cinema, gosto de ler Faulkner, Mario de Andrade, Gibe e pronto. Mas vocês, vocês são obcecados. Só pensam em reforma; reforma de base... reforma universitária... é chato isto. Parece Lutero. Vê se dá um jeito. Enche um pouco, sabe? E o pior...

PRESIDENTE: E esse negócio de reforma é bobagem?

ESTUDANTE: Eu sei lá, sabe? Sei que a faculdade enche, mas vocês no Diretório enchem mais ainda com a mania de endireitar o mundo. Só vocês é que são os donos da verdade.

PRESIDENTE: Essa não. Nós temos simplesmente alguns dados bons e levamos em consideração esses dados. Raciocinamos com eles. E se ainda somos poucos, a culpa é sua e de todos os caras inteligentes como você que se omitem.

ESTUDANTE: Mas fazer o que? Gritar no meio da rua? Dizer que o mundo está errado?

PRESIDENTE: Se for preciso tem que fazer isso. Mas existe um jeito mais certo, mais racional... olha, velho... 50% dos brasileiro são analfabetos. O povo está fora das faculdades, faculdade formando gente que visa máquina de fazer dinheiro... Faculdade ensinando a aceitar, a não pensar, a acomodar-se.

ESTUDANTE: E daí? Que é que você propõe? Que eu dê um jeito em tudo? Que eu meta um filho de operário na faculdade de medicina para ele ser doutor? E no fim das contas que eu tenho que ver com o filho de operário? A vida é assim: ele que se vire.

PRESIDENTE: Ah, colega. Você tem muito que ver com o filho do operário, com o filho do camponês que planta arroz para você comer, com o filho da mulher que mora no Acre e que nem sabe que dia é hoje. Se a minha faculdade é cheia de defeitos, a causa está espalhada pelo Brasil todo. E porque existe gente morrendo de fome e médico que cobra Cr\$2.000,00 a consulta; é porque em cada cinco pessoas só um tem casa; é porque tudo. Olha, pra conversar sério é preciso que você dê um passeio pelas faculdades. Vai lá!... Mas olha pra valer... vê se a Universidade no Brasil tem alguma coisa que ver com o Brasil.

Mesmo de longe. Mesmo com muita lambuja. Vai lá. Depois se você quiser a gente bate um papo. (sai)

BEDEL: Olha a aula, olha a aula!...

Engenharia, Engenharia.
 Sem você o mundo pararia
 Engenharia, Engenharia
 O progresso caminha na tua mão
 Não larga o homem não.
 Engenharia, Engenharia.
 Deixa de preparar outra guerra
 Pense mais na nossa terra
 (entra o professor de Engenharia)

PROFESSOR: O carvão inglês. Sem dúvida é o carvão inglês o ideal... para o fabrico de aço no nosso país... O carvão inglês...

ALUNO: Professor, os técnicos ingleses foram os primeiros a declarar que o carvão das jazidas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul pode ser utilizado na fabricação de aço. O nosso carvão possibilita um método de fabricação muito mais barato de aço. Seria uma significativa economia para o nosso país. Custa mais baixo e economia de divisas.

PROFESSOR: A sua ponderação teria sentido quando muito em tese e olhe lá. O senhor não atenta para uma série de realidades gritantes de nosso país. Não temos condições de explorar nossas riquezas minerais por falta de capital, de técnicos, de vontade, de inteligência, de ousadia, de etc, etc! No momento a importação do carvão inglês é menos onerosa!

ALUNO: Mas, professor...

PROFESSOR: Além do mais, não é possível permitir um insólito menosprezo pelo significado histórico e tradicional do carvão inglês. Trata-se da Inglaterra, jovem. Da Inglaterra! Uma civilização dourada onde os minérios são superiores. Não estou me referindo a fama, Macambira, à Vila Nova. Estou falando da Grã-Bretanha. De pé! De pé! Estamos falando do carvão inglês. Viva o carvão inglês! Trata-se da austeridade britânica, numa dimensão carbonífera, numa dimensão leonina. Porque a Inglaterra é uma leoa! (Urra) A Inglaterra implacável! Que venha Napoleão! Ninguém pisará o nosso território. Os alemães! Não brasileiro. Não pago-pagamos de Pago-Pago. Ingleses! De pé! Pela rainha! God save the queen!

ALUNOS: God save the queen! (Rufar de tambores)

PROFESSOR: A horse! My Kingdom by a horse!

ALUNOS: A horse!

(Saem marchando, fica somente o estudante)

ESTUDANTE: Não dá pé! Não dá pé! Venham. Venham todos! (Alunos aparecem) Me ouçam. Vou contar o que vi. A Universidade não serve para nada. É um traste. É um farrapo. É passado, mais nada. A vida desmente tudo o que ela diz, tudo que ela pensa, tudo que ela faz. E o brasileiro continua apanhando no meio da rua. Continua sem viver. Sobrevive e mais nada. (Os Estudantes batem palmas). O Brasil que está nas ruas já está muito na frente do Brasil que eles sugerem dentro da faculdade. Não se pensa em trabalho, não pensa em produzir, não se pensa em aumentar e crescer e florescer. Não. Isso não pode continuar assim. (Palmas). E nada adianta. É preciso tomar medidas drásticas. Vamos protestar com fogo. (menos palmas). Greve. Greve geral na Universidade. E os alunos que não quiserem participar conosco, os que ficarem de fora receberão pancadas, não entrarão mais na Universidade. (menos palmas). Vamos queimar a biblioteca, casa dos professores. Eles usam o terror branco. Responderemos com o terror negro, sem trégua. (menos palmas). Vamos aos quartéis, desafiar os soldados que chupam o sangue da nação. Vamos denunciar os generais, o exército. Vamos fazer enterros em praça pública. Queimar e queimar. Nada ficará de pé. Vamos raptar os filhos dos catedráticos.

Vamos vaiá-los nas ruas (alguns protestos). Vamos depredar o Ministério da Educação (vaias). Seus burros. Não querem ouvir, não é? (vaias) Capachos! Capachos! (vaias)

(os estudantes começam a sair)

PRESIDENTE: Que é que há, rapaz, está bravo?

ESTUDANTE: Eu vi. Eu vi em que situação se encontra a Universidade. Não pode!

PRESIDENTE: E você já bolou alguma solução?

ESTUDANTE: O negócio é quebrar tudo! Com fogo, com água, com qualquer coisa! Se ninguém topar eu vou sozinho!

PRESIDENTE: Calma, colega. Apelar não adianta. Você é um rapaz inteligente. Conscientizou-se do problema da Universidade que não é um problema só nosso, mas principalmente do povo brasileiro. Agora é lutar pela superação de tudo que não está certo.

ESTUDANTE: Mas como? Ninguém quer saber de nada. Fui até vaiado!

PRESIDENTE: É preciso saber levar a mensagem. Vamos! Conversar serenamente com sua turma. Estabeleça um diálogo com eles. Aponte as falhas que você encontrar e estude com eles a solução. Vamos!

ESTUDANTE: Vou tentar. (Chamando os outros) Colegas, por favor aproximem-se. Eu nada poderei fazer sem vocês. Tudo depende da nossa união (os outros alunos vão chegando atentos). O povo que nos mantém na Universidade exige uma resposta nossa (palmas). Vamos participar da vida estudantil, dos diretórios, dos Seminários, dos movimentos de cultura popular. Tracemos claramente as metas da reforma universitária e lutemos por concretizá-la (palmas). Que nenhum de nós se esqueça de que esta reforma só será autêntica na medida em que ela corresponda aos anseios dos irmãos operários, dos nossos irmãos que não tem teto, que morrem de fome, dos 36 milhões de brasileiros que não sabem ler. Colegas, a Universidade só tem sentido se existe para o povo.

FIM/INTERVALO

NARRADOR DO AUTO: Minha gente, para que tudo isso que vocês viram até agora saísse mais ou menos bem, o CPC trabalhou “na praça”. Surge, então, a possibilidade de um convênio com o Instituto de Cultura Popular do CERNE, tanto pelas condições oferecidas para um trabalho mais amplo, como pela concordância nas linhas gerais e nos objetivos dos dois movimentos. A concretização do convênio deu origem ao GRUPO DE TEATRO POPULAR.

Em maio, oficializando sua criação, o GTP apresenta em Goiânia, Jaraguá, Anápolis e Catalão, a peça de Nelson Xavier e Augusto Boal: MUTIRÃO EM NOVO SOL.

Um júri provisório é instalado em Novo Sol para julgar o lavrador Roque Santelmo Filho, acusado de liderar um movimento contra a atitude do Coronel Mariano, que ordena o plantio de capim colônia nas terras preparadas pelos camponeses.

A situação vinha se agravando dia a dia, e os lavradores se reúnem para tomar uma decisão.

LIODORO: A manhã está branca; parece até que se preparou para a limpeza da terra.

LAVRADOR: É uma nova manhã para Novo Sol.

O capim está molhado.

Bom cheiro da terra!

ROQUE: Manhã de Novo Sol. Todos os lavradores da fazenda Cova das Antas estão presentes nesta decisão?

TODOS: Estamos.

ROQUE: Estão prontos para ficar juntos até o fim, mesmo que o fim seja a morte?

TODOS: Estamos.

ROQUE: Se assim é, agora começa a verdadeira luta, pensada e resolvida segundo a vontade de cada um; que a força de cada um seja somada à de todos. Sabedor de sua vida e de sua justa vontade, o lavrado de Novo Sol decide – e a decisão de todos é não reconhecer o coronel como dono destas terras. A decisão é arrancar o capim colônia.

Falei por todos?

TODOS: Falou.

ROQUE: Arranca o capim colônia. (ecos)

(começa a canção do Arranca Capim. Entram representante, delegado, soldados e capangas).

DELEGADO: quem responde por todos?

ROQUE: Nós, sim senhor.

DELEGADO: Então manda acabar com isso. Que obedeçam a ordem do Coronel pois foi o Coronel quem mandou.

ROQUE: O Coronel manda em muita gente. Manda até no senhor; mas em nós mandamos nós.

DELEGADO: Está falando com o doutor delegado.

ROQUE: E o doutor está falando com os lavradores de Novo Sol.

DELEGADO: Você é Roque Santelmo Filho?

ROQUE: Lavrador de Novo Sol.

DELEGADO: Soldados, prendam este homem. (soldados seguram Roque. Alguns lavradores dão um passo. Soldados se intimidam).

BAIANO: Se Roque vai preso, precisa mandar prender 3.000 caboclos. Onde seu delegado vai arranjar tanto guarda para efetuar a prisão?

DELEGADO: Obedeça a voz de prisão, Roque Santelmo.

ROQUE: Nós estamos presos, pode levar a gente. (lavradores se apresentam. Soldados largam Roque).

DELEGADO: Você parece moço que sabe o que faz. Mande essa gente embora e vamos conversar com calma.

ROQUE: Estou calmo, quem está nervoso é o senhor.

DELEGADO: Resistir é pior. Não queremos fazer mal a ninguém, queremos só você.

ROQUE: Doutor delegado, sua ordem vale pouco. Não posso desobedecer a ordem de tanta gente.

DELEGADO: Eu sou o representante da lei. Os lavradores não representam lei alguma. Está aqui o mandato de prisão. Vai ou não vai obedecer?

ROQUE: Não vou.

DELEGADO: Está vendo, senhor representante? Para esta cambada só mesmo o Exército.

REPRESENTANTE: Roque Santelmo, como representante do Governo da Província venho intimá-lo a se entregar à Justiça.

ROQUE: Quer dizer que o Governo da Província também está do lado do Coronel? Também está contra nós?

REPRESENTANTE: Não venho discutir quem está contra ou a favor. O Governo está do lado da ordem. E ela vai ser mantida a qualquer custo. As forças do Exército já estão a caminho.

DELEGADO: Se não for por bem vai haver luta, vai haver sangue. E você é o culpado.

REPRESENTANTE: Roque Santelmo, ainda é tempo de obedecer.

BAIANO: Chegou a hora, Roque. Vamos enfrentar esses cabras safados e correr com eles daqui. (Soldados e capangas embalam suas armas)

DELEGADO: Eu avisei e aviso ainda uma vez. O Exército está perto. É só o representante dar a ordem.

ROQUE: Nenhum representante, nem nenhum Governo pode dar essa ordem. Se matarem todos nós, quem é que vai trabalhar as terras do Coronel? Quem vai construir casa para o “Seu” Coronel morar? Quem vai ser escravo pro “Seu” Coronel ser feliz?

REPRESENTANTE: É a lei que vai ser obedecida. Vai ou não vai cumprir?

ROQUE: Vou.

BAIANO: Não! A vontade de todos é a vontade de cada um e a vontade de todos é que você não vai. A gente está junto, Roque. Fica.

ROQUE: Não é preciso.

BAIANO: Vamos lutar, vamos morrer, mas vamos lutar.

ROQUE: Contra essa força tão mais forte, não. A gente luta com enxadas e uma certeza. Eles lutam com Justiça do lado deles, com Governo, com Exército. Não precisa ter pressa. Quem vai ser preso sou eu e não Novo Sol. Novo Sol são Vocês e vocês são livres. Arranca o capim colonião. O mandato de prisão não mandou parar. Só pára quando o colonião acabar.

REPRESENTANTE: Soldado, faça essa gente parar!

(Soldados e capangas ameaçam. Lavradores prosseguem). Delegado manda seus homens agirem! Faça alguma coisa, essa gente tem que parar!

ROQUE: Se quiser um conselho, não faça nada. Essa gente não pára nunca. Se quer um conselho, senta e ouve o que eles estão cantando. Essa gente não pára nunca.

JUIZ: Este tribunal considera as provas de culpabilidade do réu, decisivas e finais. Que todos se levantem para ouvir a sentença. Roque Santelmo Filho é condenado à pena de prisão por tempo indeterminado, até que, em processo ordinário, seja apurada sua inteira responsabilidade. Entretanto, os poderes especiais deste Tribunal oferecem ao réu o direito de reconquistar sua liberdade. Para isso, Roque Santelmo Filho, como líder dos revoltosos, terá que convencer os lavradores e suspenderem a arranca do capim e a abandonarem imediatamente as terras da Fazenda Cova das Antas. O réu prefere a prisão ou a liberdade?

ROQUE: A liberdade, mas não aceito barganha. Eu já fui condenado mas não perdemos a luta. Os lavradores sabem que a terra é deles e de mais ninguém. Eu sei o que é cadeia; sei quanta pancada vou levar; sei quanta fome vou passar; sei quanta sede vou sentir. Eu sei de tudo e os lavradores também sabem que estão juntos e juntos ninguém pode com eles. Vocês sabem que não podem destruí-los. Porque são eles que trabalham e se eles não existissem vocês tinham de trabalhar, tinham de pegar no cabo do quatambu e juiz tem mãos finas; delegado e Coronel tem mãos por demais finas. Vocês sabem que sem nós vocês não existiam. A lei me condenou; a lei me condenou; a lei é certa e justa, mas é certa e justa para quem a fez. Nós ainda não fizemos a nossa lei. E quando fizermos a nossa lei, ela também será certa e justa. Mas as duas não são iguais. A de vocês é a lei de quem explora; a nossa é a lei de quem trabalha. A de vocês me condena; a nossa me há de libertar. A nossa lei há de libertar todos os trabalhadores do mundo. Senhor juiz, senhor representante, essa gente não pára nunca. (Os soldados prendem Roque, enquanto os lavradores assistentes ao julgamento o aplaudem. A arranca do capim continua e a canção também).

REPRESENTANTE: Este tribunal adverte que a sentença agora proferida não encerra a série de medidas que o Governo da Província tomará para por termo à agitação. As forças militares se aproximam e serão mobilizadas caso a arranca do capim não seja suspensa. Quanto às terras de propriedade de Mariano Matias, os lavradores terão de abandoná-las. E para isso, o Governo tomará as medidas que julgar necessárias...

FIM

NARRADOR DO AUTO

JUNHO: tempo de fogueira, tempo de balão... festa de São João... festa de São Pedro... festas que revelam em seus costumes e em suas danças, valores da cultura popular.

Por este motivo o ICP e o CPC, com a participação efetiva de todos os bairros e vilas de Goiânia, promovem a Festa Popular de São Pedro. Vejamos os moradores do Setor Pedro Ludovico, dançando uma animada

QUADRILHA

NARRADOR DO AUTO

JULHO: TODO MUNDO DESCANSOU.

AGOSTO: O GRUPO DE TEATRO POPULAR faz revisão de seus trabalhos. Seus membros apontam falhas e soluções para superá-las. Surge a necessidade da montagem de um show que percorra as escolas, os bairro, os sindicatos. Com a saída do livro de leitura do CPC, o GRUPO DE TEATRO POPULAR, montou um dos quadros que compõe o show, com o propósito de que ele sirva como motivação para o trabalho dos nossos companheiros do Setor de Alfabetização. Vocês verão agora o:

AUTO DO ANALFABETISMO

NARRADOR DO AUTO:

A música popular brasileira tem sido através dos tempos, o veículo de expressão dos mais variados sentimentos da nossa gente. Gente que ri... gente que chora... gente que pede liberdade. O conjunto Musical do GTP apresenta para vocês uma:

DEMONSTRAÇÃO DE MÚSICA BRASILEIRA

1ª voz: Brasil! 8 milhões de km²!

2ª voz: E o camponês não tem terra!

1ª voz: Brasil! 70 milhões de habitantes!

2ª voz: 36 milhões de brasileiros não sabem ler!

1ª voz: Brasil! Todo homem tem direito à vida!

(FALTAM AS ÚLTIMAS PÁGINAS)